

## PROJETO DE ESTÁGIO ESPECÍFICO SPA

### 01. Título

Práticas de cuidado na rede de reabilitação da pessoa com deficiência

### 02. Responsável

Supervisora: Marcia Moraes

Email: marciamoraes@id.uff.br

### 03. Carga horária por estágio

Estágio	01	02	03	04
Carga Horária	187	187	187	187

### 04. Horário

Segunda-feira	
Terça-feira	
Quarta-feira	16h às 18h – grupo de estudos
Quinta-feira	14h às 18h - supervisão
Sexta-feira	

### 05. Convênio

Não ( ) Sim ( X )

Órgão: Centro Especializado em Reabilitação II (CER/SUS)

Convênio em tramitação.

### 06. Local do Estágio

Associação Fluminense de Amparo aos Cegos / AFAC. Rua Padre Leandro, 18 Fonseca (Ponto Cem Réis) – Niterói

### 07. Resumo do Projeto

O projeto de estágio “Práticas de cuidado na rede de reabilitação da pessoa com deficiência” - inserido na ênfase curricular “Psicologia: processos clínicos e atenção à saúde” - nasce como fruto de um percurso de mais de 20 anos de ações de pesquisa e extensão com pessoas com deficiência, em especial com deficiência visual. No decorrer dos anos, pude notar que o

percurso de viver com deficiência é, muitas vezes, marcado por experiências de solidão e de individualização da deficiência, sentidas como fracasso e tragédia pessoal. Há que ser considerado que tais vivências da deficiência são também construídas e articuladas socialmente na reiteração das normas corporais tomadas como compulsórias. Vários autores do campo dos estudos da deficiência sinalizam que em nosso contexto social capitalista e colonial, a celebração do corpo capaz é um dos modos de fazer da deficiência um fracasso e, em particular, um fracasso pessoal. É justamente contra esta concepção de deficiência, reiterada em práticas cotidianas, que o movimento social da deficiência se insurge, afirmando que a deficiência é antes de tudo uma forma de opressão a corporalidades diversas. É, portanto, uma questão social, coletiva, que diz respeito ao modo como nos organizamos como grupo, como coletividade. Neste sentido, tais autores apontam que encontros entre pessoas com deficiência, sejam eles nos ativismos, nas artes, nas práticas clínicas em psicologia, são espaços potentes para a elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento às forças normalizadoras e individualizantes que perpassam o nosso contexto social, insistindo, como dito, na concepção da deficiência como uma tragédia pessoal. Não são poucas as ativistas e teóricas da deficiência que relatam que no encontro com outras pessoas com deficiência é possível de um lado, reconhecer-se no outro, experimentando vínculos de pertencimento até então inauditos. De outro lado, tal encontro abre a possibilidade de que no processo de reconhecer-se no outro, a própria pessoa com deficiência torne-se outra, isto é, passe a viver a experiência da deficiência como mais uma entre tantas outras de suas experiências de vida. Nas palavras de Mia Mingus (2011), há uma transformação que se pode operar subjetiva, existencial e politicamente entre ser descritivamente deficiente e ser politicamente deficiente. Esta transformação implica, em última instância, numa compreensão vivida e encarnada de que viver com deficiência é situar-se em relações de poder que oprimem os corpos diversos. Em última instância, mais do que tomar para si o fracasso como uma falha pessoal, o que está em jogo é afirmar que cabe indicar a seta para as relações sociais opressoras e capacitistas. Para isso, a consolidação de laços e vínculos entre pessoas com deficiência é uma fonte propulsora de transformações políticas e subjetivas. O projeto de estágio visa inserir-se numa instituição de reabilitação – que, como sabemos, comporta muitos vetores de normalização dos corpos –

para abrir espaços coletivos, espaços grupais nos quais as pessoas com deficiência possam reconhecer-se umas nas outras e, quem sabe, tornarem-se outras. Isso não quer dizer que não existam sofrimentos e dores no processo de tornar-se politicamente deficiente. Quer sim dizer que há um percurso que se pode trilhar junto e ao lado de outras pessoas com deficiência. É justo neste ponto que se pode transitar da narrativa da tragédia pessoal para outras experiências de viver com deficiência: eis aí o cerne deste projeto de estágio.

### **08. Objetivos**

- ✓ Fortalecer a articulação entre a Psicologia da UFF e a Rede de Reabilitação da Pessoa com Deficiência;
- ✓ Promover grupos de intervenção e atuação com pessoas com deficiência;
- ✓ Criar espaços de formação em Psicologia para a atuação no campo da reabilitação das pessoas com deficiência;
- ✓ Formar os estudantes para o trabalho em equipe inter e multi-disciplinar;
- ✓ Produzir conhecimento teórico-prático no campo dos estudos da deficiência.

### **09. Atividades teóricas em supervisão**

- ✓ Grupos de estudos
- ✓ Escrita de diários de campo e estudos de caso

### **10. Atividades Práticas em Ambulatório Clínico ou no Campo de Estágio**

- ✓ Atividades grupais com pessoas com deficiência:  
As atividades no campo de estágio serão realizadas em dois horários: terça-feira, das 14h às 16h e/ou quinta-feira, das 9h às 11h. Os grupos serão formados prioritariamente por pessoas cegas ou com baixa visão, adultos, com idades diversas. Cada grupo terá no máximo 10 participantes.  
Serão realizadas atividades grupais com pessoas com deficiência, em processo de reabilitação. De um lado, haverá práticas e experimentações corporais com a finalidade de sensibilizar o corpo, mobilizando os sentidos ativos, em especial entre pessoas com deficiência visual. De outro lado, rodas de conversa como espaços de troca e compartilhamento da

experiência de viver com deficiência num contexto social muitas vezes capacitista e inacessível.

- ✓ Participação em reunião de equipe na AFAC a fim de compartilhar com as/os profissionais da instituição o acompanhamento dos casos. Neste ponto, será feita a devolução dos resultados do trabalho, bem como a definição conjunta com a equipe dos caminhos a serem trilhados nas ações com o grupo de pessoas cegas e com baixa visão, participantes das atividades grupais.
- ✓ Eventuais contatos com redes de apoio.
- ✓ Interação com as psicólogas do campo de estágio para a discussão e o acompanhamento dos casos.

### **11. Formas de Avaliação**

Ao final do estágio, a/o aluna/o deverá apresentar um documento por escrito, articulando os casos acompanhados com reflexões teórico-práticas. A/o aluna/o será avaliada/o também quanto à pontualidade, assiduidade e compromisso com as atividades do estágio.

### **12. Bibliografia**

ALVES, Camila. (2020) *E se Experimentássemos Mais? : Contribuições Não Técnicas de Acessibilidade em Espaços Culturais*. Curitiba: Appris.

AMARAL, Lígia Assumpção. *Resgatando o passado. Deficiência como figura e vida como fundo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DIAS, Adriana (2013). *Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social*. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPcD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013. Documento eletrônico. Disponível em: [http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/ebook/Textos/Adriana\\_Dias.pdf](http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/ebook/Textos/Adriana_Dias.pdf) Acesso em julho / 2020.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

- FERRARI, Marcela Beatriz. (2020). Feminismos descoloniales y discapacidad: hacia una conceptualización de la colonialidad de la capacidad. *Nómadas*, (52), 115-131.
- GESSER, Marivete e FIETZ, Helena. (2021) Ética do Cuidado e a experiência da deficiência: entrevista com Eva Feder Kittay. *Revista Estudos Feministas*. 29(2), p.1-12.
- MASINI, Elcie F. Salzano. (1994) *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual*. Brasília: Editora Corde.
- MELLO, Anahi Guedes. (2016) Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21 (10), p. 3265-3276.
- MINGUS, Mia. (2011) *Moving Toward the Ugly: A Politic Beyond Desirability*. Documento eletrônico, disponível em <https://leavingevidence.wordpress.com/2011/08/22/moving-toward-the-ugly-a-politic-beyond-desirability/>. [Disponível em tradução para o português, para fins didáticos].
- MORAES, Marcia & ALVES, Camila . (2020) O que a Universidade aprende e ensina com as pessoas com deficiência durante a pandemia. In: MENDES, Amanda; VINAGRE, Ana Beatriz; AMORIM, Annibal; CHAVEIRO, Eguimar; MACHADO, Katia; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de & GERTNER, Sonia (orgs). *Ideia SUS. Tema: Diálogos sobre Acessibilidade, Inclusão e Distanciamento Social: territórios existenciais na pandemia*. Brasil: Ministério da Saúde/Fiocruz.
- MORAES, Marcia. (2010) PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia e KASTRUP, Virginia. *Exercícios de*

*ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual.*

Rio de Janeiro: Nau.

MORAES, Marcia. (2011) Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 6, n. 2, p. 174-181.

SOUSA, Joana Belarmino de. (2009) O que Percebemos quando não vemos. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21 (1), p. 179 – 184.